

PROJETO NURC

INQUÉRITO BR/RE Nº 45

BOBINA BR/RE 14

FITA 1-4 (p-1-513-1500)

TIPO DE INQUÉRITO : DID

DURAÇÃO : 1 hora (R-3)

ÁREA : 15 INSTITUIÇÕES - ENSINO - IGREJA.

INFORMANTE : Nº 54

SEXO : M

IDADE : 2ª FAIXA

DATA : 03/11/77

DOCUMENTADORES : NÚBIA BORGES

ÍTALA WANDERLEY

CRISTINA BARROS

GRAVADOR :

CONDIÇÕES TÉCNICAS DE REGISTRO

Porque o Bra... nós (es)tamos aqui no Brasil passando uma fase da nossa história, da nossa formação, já que nós somos um país em formação, e parece que essa formação agora (es)tá se dinamizando muito, (es)tá muito de... se... muito... tomando muita velocidade, eu acho o seguinte: que as instituições nossas, em geral, são todas importadas, né? a gente sente perfeitamente, eu não digo família que é uma coisa realmente muito geral no mundo todo, tem suas pequenas diferenças, mas a sua estrutura os seus objetivos são os mesmos, mas muita coisa ensinam, quer dizer, que é o tema que vem em seguida a instituições. Eu acho mesmo que o ensino é... é uma das coisas mais rígidas no Brasil em termos de ter sido importada, trazido do fora. Eu acho que o que está atrapalhando muito a nossa capacitação pra... pra contribuir com a solução de problemas nacionais, viu? é a... a solução...vã...ah... Então, é o ensino, como eu estava dizendo, é uma das... das instituições, né? que eu acho mais rígida, sabe? aqui em nosso país. O... acredito mesmo que o nosso profissional de nível superior, ele está é muito informado de conteúdos, nas suas áreas nas nossas diversas profissões. É, importados quer dizer, de realidades diferentes, é, por exemplo, Agronomia, e Medicina, a

Medicina brasileira, será que ela é mesmo brasileira? não é... não será muito mais européia, quer dizer, outro dia eu estava lendo na... na revista Veja ou Visão, um médico no Paraná que com um filho dele, que também é médico, estão desenvolvendo atividades é... sobre o parto, ele estava, ele (es)tá fazendo experiências é, de orientar clientes dele sobre o parto indígena, quer dizer, as senhoras (es)tão fa... ele (es)tá fazendo o parto das senhoras de côca(orás), na posição da Índia e (es)tá com um resultado muito interessante. Mas o nosso, o parto que as nossas mulheres fazem aqui nas maternidades ainda é um parto completamente europeu, quer dizer, é da França. Na Inglaterra, na... na Alemanha, quer dizer, aquela... aquela sistema médico exatamente importado sem discussão, sem questionamento. Então, o direito brasileiro, o direito brasileiro é... é o direito base em direito romano, a gente sabe isso, né? A Agronomia, que é justamente a minha área que eu estou mais ligado, devido a ser a minha profissão qu'eu desempenho mais, ela é uma agronomia que é muito norte-americana, sabe? quer dizer, já foi de certa maneira européia, mas nos últimos tempos, as nossas pesquisas, os nossos sistemas de trabalho agro-pecuários, as recomendações, as

companhias que vendem os insumos, os produtos para uso na agro-pecuária, são todas norte-americanas. Inclusive há uma dominação econômica muito grande da... do em termos de... de... de venda de produtos pra agricultura. Então a nossa agronomia (es)tá muito mais, a tecnologia, os valores, inclusive não é somente a questão do... do... mecanismo e dos produtos que se usam e das técnicas. Não, é a própria etapa, a própria etapa de, assim, do trabalho agro... agricu... da agricultura nossa... Eu acho melhor vocês me... me permita(m) qu'eu tire ele de qualquer maneira, porque (es)tá perturbando, sabe? Num tem problema, não? nem qu'eu tenha isso nada não? Porque eu (es)to preocupado com vocês e com ele, mas num tem problema não né? (Es)tá. Bom, é bom que a gente fique bem descontraído, bem à vontade, né? quanto mais descontraído melhor.

[Como você poderia dividir os níveis de ensino, no Brasil, do mais elementar até o mais completo?]

Os níveis de ensino?

[Sim]

Eu, como eu dividiria? bom, é, eu acho que é justamente esse, o ensino que eu aprendi, qu'eu vivi, né? que me foi permitido eu me

educar nele, é aquele sistema... antigo de jardim da infância, num  
é? Eu fui no Jardim da Infância, depois do Jardim da infância eu  
fui pro preliminar no Grupo João Barbalho. Lá do... do...  
preliminar eu fiz aquelas três; parece que era, três séries,  
primeiro ano preliminar e segundo, parece, depois passava para o  
primário: primeiro primário, segundo primário, terceiro. Agora,  
depois eu fui pra, não fiz o quarto ano primário, e fui logo  
fazer admissão. Aí, fiz o ginásial e o científico. Depois fiz o  
vestibular. Agora, hoje é que tem essas mudanças, num é? passou  
do... desse sistema para o primeiro grau e segundo grau. Aquelas  
séries todas que correspondem ao primário, jardim da infância,  
primário e... e ginásial, que é o primeiro grau, e depois vem o  
segundo grau, que é o curso secundário na parte do científico e  
do clássico, onde entrou muito profissionalizante. Porque porque  
antigamente havia um... um desnível muito grande, havia... até tem  
uma frase aí que dizem que havia um ensino intelectual para  
aqueles que são de classe média e alta e que vão para as  
Universidades, e o, e o ensino para... pra... para... para a  
atividade com as mãos. As pessoas mais pobres e de classe que  
precisava de imediato ganhar dinheiro pra ajudar a família eram

mandados pr'aquelas escolas profissionais de ofício. Aprender  
ofícios é, escolas Técnicas. Então hoje, pra nivelar aliás uma  
coisa interessante, uma tentativa de democratização assim, né?  
quer dizer, o...o...unifi...é...pra...botar no mesmo nível, numa  
mesma integração o...o aspecto profissionalizante de formação  
com o ensino intelecto... intelectualizante. E, realmente foi  
muito bom, porque hoje todo mundo tem que passar pelos dois tipos  
de ensino sem distinção nenhuma, né? E o terceiro grau que, que é  
o Universitário. Agora já esse, esse grau anterior, segundo grau, já  
deixando a pessoa em condições de se não quiser prosseguir já  
ter uma atividade que possa ganhar a vida, né? Agora eu acho isso,  
o nosso ensino superior, como eu (es)tava dizendo antes, eu acho  
ele, ele precisa mudar muito, o Brasil (es)tá precisando encontrar  
os seus modelos, né? quer dizer a... o... na área rural que é,  
como eu trabalho, com organização de populações rurais, a gente  
sente uma influência muito grande dos serviços, é, com base na  
maneira como os Estados Unidos desenvolvem os seus trabalhos  
rurais, aliás desenvolvem muito bem porque eles lá eles fazem  
como a gente deve fazer aqui. Ele... ele encontra os modelos  
próprios, o povo tem um envolvimento muito grande, tudo vem de

baixo pra cima, as comunidades começa a procurar as soluções dos problemas, em si mesmo, numa dinâmica muito grande, muita integração de... de... de estruturas de comunidades, grupos, clubes e, conselhos de comunidade, grupo de agricultores, conselhos de donas de casa, clubes de jovens, de forma que isso tudo se dinamiza de tal maneira e se integra, que só vão procurar o governo pra uma integração de... de... de recursos e de forças. Aqui a gente espera muito, a gente exige muito passivamente, o país ainda é muito parado em termos comunitários, não tem uma formação como a de lá, e acontece que vêm aquelas instituições dos Estados Unidos, que lá foi muito bem situada como eu (es)tava dizendo, e são aqui colocadas e orientadas por técnicos estrangeiros que começam a querer que elas dêem o resultado e tenham as mesmas vias de devolução que tem lá, então isso emperra tudo... (Pegue não Eduardinho, afaste viu, meu filho) emperra tudo e dificulta demais. Eu ensino Extensão Rural, na Universidade, lá na nossa Universidade onde... onde Ítala também ensina. Agora, eu estou saindo, mas abandonando mesmo o... o... as linhas de extensão que são utilizadas ainda hoje pelos Sistemas Oficiais de Extensão no Brasil que é o... a EMATER-PE e suas filiadas. Elas

têm ainda um comprometimento tremendo. (A)inda ninguém é líder, ninguém é criativo em extensão ninguém pesquisa, só faz se repetir, e procurar se ajustar, para encontrar um meio de atender os nossos agricultores. Agora (es)tã completamente absorvida pela... pela... pela... nossa estrutura, quer dizer, o subdesenvolvimento que fez com que nosso país tivesse aquelas linhas de dominação de elite econômica, social e política no interior e que todo... todos os serviços que o governo faz por mais boa vontade que tenha, por mais assim, como é? Serviços, recursos, programas que jogam pro meio rural pra atingir a todo mundo, com as melhores das boas intenções, terminam absorvidos pelas elites todinhas. E... então os serviços que são feitos pra atender a todo mundo, passa a servir só a uma linha de elite, foi o caso da extensão rural agora. Então, eu lá na Universidade, com os meus alunos, nós (es)tamos fazendo um trabalho assim: a gente (es)tã respeitando bastante a extensão rural que existe aí, mas está colocando ela de lado pra que a gente comece a... a sacar, que esse é um termo novo que se está se, eu gosto muito desses termos dos jovens, né? Sacar, curtir, transar esse negócio todo ajuda muito agente a falar, e eu uso muito isso em aula, porque diz



muita coisa de uma vez só, de maneira muito clara e objetiva. Então a gente começa procurar sacar a...que tipo de...de atitudes, de ações, de maneiras de...de...de se...de orientar de se conduzir no meio rural, a gente deve adotar, é...sem pensar no que é extensão rural, sabe? Então eu fiz isso, nessa, nesse último semestre agora de uma maneira muito mais aberta, e me dei muito bem. Eu saí...eu falei a...aos alunos e comecei a movimentar uma reflexão muito intensa na...com a turma sobre problemáticas e problemas agro-pecuários, problemas de nossos agricultores, dificuldades de vida do povo rural, como é que é a nossa agricultura, questionar muito a nossa agricultura, né? e o nosso homem rural, e a maneira dele ser, tudinho. E eles debateram muito ININT, enriqueceram muito os assuntos, trouxeram muita, muita coisa da sua experiência mesmo de alunos, nossos alunos, muitos são do interior, outros, e que tinham opiniões pessoais, então eles começaram a enriquecer muito es...esse pro...quando eles assim, depois de uma, uns quinze dias de aula mais ou menos, então eu peguei a turma, botei dentro do ônibus e fui para o interior, não todos, né? Uma representação boa de cada turma porque outros não se interessam muito e outros não podem, foi um dia de domingo. Aí cheguei lá e, e participamos de

uma assembléia de cooperativas. Então esses meninos se sensibilizaram demais, se tocaram muito por aquilo tudo. Os agricultores, o Banco do Brasil presente, eu fiz o papel de exten...do extensionista de...ao vivo, quer dizer, o que apareceu mesmo pra fazer em termos de integrar sem aquelas organizações que era o Banco do Brasil com...com os cooperados e colocando também a posição dos dirigentes das coopera...da tal cooperativa, eu fiz o papel de extensionista. Eles, então, é, se pronunciaram, alguns deles falaram lá com os agricultores, trabalharam jun... junto ao Banco do Brasil. Quando o Banco do Brasil começou a abrir o cadastro do povo, então, é, eles trabalharam também né? trabalharam tomando nota da...da...da...das dos dados de cada um dos agricultores, ajudando o pessoal do banco. Então, quando eu voltei pra...pra, com eles, pra escola, dali por diante a gente começou a dar o curso todo em função de, todo o conteúdo que eles tinham visto lá. E tudo que eles iam criando e chegando a consciência deles, a gente foi vendo, vendo, vendo de tal maneira que a certa altura agora já nó final, agora há umas três semanas atrás, eles chegaram a conclusão do que era extensão rural, sem eu dizer nada, sem eu definir, sem dar conselho. Então eles

disseram: extensão rural é um tipo de trabalho assim, assim, que visa esse negócio, tal, tal e tal, tudo certinho. Então eu fiz um trabalho exatamente de baixo pra cima, quer dizer, procurando fazer com que o estudante encontre um modelo, um modelo de extensão que atende aquela realidade que ele tanto debateu e viu, conviveu, essa coisa toda. E então, eu apenas complementei, estímorei muito eles né? Então eu acho que esse tipo de ensino é muito bom.

[O que o jovem precisa pra abrir, pra entrar na Universidade, quais os...são ter direitos ao ensino médio?] ]

O que o jovem precisa?

[Pra conseguir SUPERPOSIÇÃO]

É, o jovem aqui...aqui em Recife, o...o...a gente sente hoje que o...entrada na Universidade é...é uma guerra né? É uma competição muito grande. O jovem, o...os nossos rapazes, as nossas moças, em geral, porque também tem pessoas que já não são mais jovens, que também estão entrando na Universidade, mas em geral os jovens que terminaram esses cursos secundários eles passam por um exame que é bem diferente, na...na...na sua, nos seus objetivos daquele de antigamente. Antigamente, realmente, o

exame era pra saber se a pessoa conhece, se sabe, se... (es)tã sabendo pra entrar, porque vaga era uma coisa muito secundária, não havia muita preocupação com vagas, mais ou menos até uns vinte anos atrás, quinze anos atrás ou não sei se menos um pouco, é... a preocupação era saber para passar, pra entrar na faculdade. Agora é um exame de seleção, agora é um exame triagem mesmo, quer dizer, o...o...teste, o que se apresenta ao vestibulando pra qu'ele encher, preencha, e coloque a maneira de perguntar, a man...é de fazer com que ele é, se coloque ali naquele exame, é um, não é tanto um exame de conhecimento, usa-se o conhecimento, o conteúdo mas pra ele ser selecionado, devido à vaga ser demais, quer dizer, é uma eliminatória, esse vestibular de hoje está passando por um exame, não de sele... não de...de de verificação de aprendizagem para ser promovido, mas um exame de... de seleção na base de um...de um... de um sistema de eliminação mesmo, grande, em massa. De forma que a tensão emocional é muito grande. Eu (es)to agora mesmo com uma filha aí, se preparando pro vestibular de medicina e ela está, a gente sente a medida que a coisa vai se aproximando por mais que ela esteja...que ela esteja disposta com os colegas dela aí, tudo, mas a gente sente um clima

emocional crescente, de forma que eu acho hoje isso, realmente é uma luta muito maior do que antigamente, é muito mais assim competitiva, né? Eu não gostei disso não, porque eu acho que a nossa vida de hoje, a gente (es)tá buscando tanta paz, (es)tá buscando tanto, assim, é... vivenciamentos, né? Quer dizer, maneira de viver, oportunidades agradáveis de...de conviver, de curtir, né? E que são muito diferentes de competição. A competição tenciona, a competição faz a gente é...andar num esquema de egoísmo de valorização pessoal, de promoção, pra botar o outro pra trás, pra ganhar oportunidades, e isso machuca muito. Um temperamento como o da gente que gosta de viver isso não, não agrada, né?

[É depois do Vestibular ? ]

Depois do vestibular? É, bom, depois do vestibular o... o aluno, eu a... eu tive uma reunião com pessoas que terminaram o Vestibular agora. O primeiro encontro que eu fiz ontem, ontem não, anteontem, com meus vinte alunos, eu e Ítala estamos, fomos indicados pelos nossos departamentos, pra ser professores orientadores, e a gente (es)tá fazendo um curso demorado de trezentas e tantas horas de especialização, né? de professor orientador. Então, a gente, foi...foi...nos foi dado, nos foi é...

assim, decidido vinte alunos pra cada um de nós orientar permanentemente na Universidade. A gente vai esclarecer a eles muita coisa. E com isso é que eu vou responder a pergunta que ela fez. Eu vi como é que o aluno, realmente entra na Universidade, o que é que ela espera encontrar, como é que ele se sente. Então, eles se frustram muito, depois que estão dentro da Universidade, porque eles se sentem muito abandonados, e ontem eles me disseram isso. É, com muita pouca... muito pouco oportunidade... muito pouca oportunidade de informação. Eles têm vontade de... tem... de... de... eles esperam encontrar um clima de maior calor humano, de maior receptividade, de maior va... É, assim, uma se... uma coisa que faça com que eles se sintam mais gente, pela parte daqueles que já (es)tão dentro, professores e alunos. Então eles se sentem assim, como um pouco marginalizados, esquecidos, quer dizer, aquela, até eu fiz uma reflexão com eles, eu disse aquela expectativa tão grande, aquela coisa tão gostosa que a gente espera, passou no Vestibular, que festa bonita. Quer dizer que... quer dizer que, a família num é? aquela vibração, aquela euforia, aquelas... aquela confraternização toda, né? tanta, por causa daquela vitória. Quando entra naquele, naquela organização,

naquela entidade, ele se vê, ele se vê numa coisa diferente. É chamado de fera nê? Quer dizer, desprezado, levado até mesmo ao ridículo, talvez até machucando na...na...na sua...assim, no...no...na sua índole, na sua...no seu valor pessoal, na sua pessoa, de forma que eu (es)tava dizendo a eles, precisa ver isso. Então é... esse serviço que eu disse a eles, eles eram uns felizardos porque eles estavam recebendo pela primeira vez, na Universidade RURAL, uma oportunidade que ninguém recebeu ainda. É, começa a haver um serviço que se volta pra valorizá-los; nê? pra fazer com que eles se sintam bem, se...se sintam que há um...um... uma pessoa que está destinada, quer dizer, dedicada a...a resolver problemas deles, a informar, ter paciência com eles, ouvir, deixar que eles falem da maneira mais simples, mais, mais limitada que seja a pergunta, eles... Apareceram logo uns dois ou três problemazinhos lá eles perguntando, como é que faz pra ser dispensado de Educação Física, como...onde é que pergunta, porque disseram a ele que ele fosse ao médico e ele não sabe direito, quer dizer, outro queria saber....

[INAUD.]

O que eu respondi? Eu disse a ele o seguinte: que ele fosse

é...novamente ao Departamento de Educação Física e pedisse a essa pessoa que dissesse direitinho a ele, é, que é que ele tem que fazer pra pegar dispensa e onde é, é, se pra ir a esse médico vai por conta própria ou se tem que ir com alguma correspondência que apresente ele dizendo qual é o caso, qu'ele se informasse bem pra poder chegar ne...lá no setor médico. Perguntei se ele sabia onde era o setor médico da Universidade. Ele disse que sabia, já tinha ido lá pra tirar num sei o que lá, um negócio lá. E então, eu orientei ele assim. E o outro ficou surpreendido quando soube que tinha casas, quer dizer, já sabia mais ou menos que tinha casas de residência de estudantes, mas num sabia que era uma coisa pra todos, pensava que era uma coisa muito restrita. Então eu disse a ele que ele também tinha direito, desde que ele se enquadrasse em questão de não ter condições financeiras, de morar longe, morar noutra estado, ter uma série de...de aspectos que enquadrassem ele naqueles itens que...que dá direito ao estudante de ir pr'aquelas casas. Então, ele ficou muito admirado que... queria saber também se pode, como é que faz, então, eu fiquei de me informar direitinho pra dizer a ele, né? E, de forma que (es)tá acontecendo isso, a... a gente numa oportunidade dessa sente



como é que pessoa depois, independente dos estudos, qu'eu num entrei, eles num falaram em estudos, falaram mais nas impressões pessoais. E, pois...a...aqui em Recife o..., eu realmente sou nascido e criado aqui, sabe? em Recife. Agora, apesar de recifences, meu...meus pais são daqui de Recife também, família, tudo aqui de Recife, eu, só parentes mais longe é que vieram de interior, né? E minha mãe é...avô... a mãe de minha mãe, nasceu no interior de Rio Grande do Norte e a mãe de meu pai era de engenho aqui de Pernambuco. Mas eles são exata..., realmente, quer dizer, do... efetivamente de Recife. E, mas assim mesmo eu comecei a...a... num sei se é coisas ancestrais ou, eu tive uma... muita sensibilidade por negócio de interior, sabe? viagens, fazendas, meio rural, estradas, desde menino que eu gosto desse negócio, animais, bicho, bicho do mato, silvestre e doméstico, mata, esse sistema do povo do Interior, né? casas, residências.

Quais são as instalações que ININT, a Universidade SUPERPOSIÇÃO?

Sim as instalações. É tem alguns prédios, é princi... tem o prédio principal que da Universidade, onde estão a...a... quer dizer, ali a parte principal da...da direção da Universidade, né?

Reitorias, Pró-Reitorias; ali próximo ao, como é que diz, aquela ala principal de direção da Universidade; né? que dirige, de dirigentes, ININT. Depois tem prédios de laboratórios, né? departamentos, hoje tem os departamentos. Cada departamento de uma daquelas linhas principais dos cursos da Univer... da Universidade, e salas de aulas, cada departamento tem suas salas de aula, tem auditório, tem a...a...a parte é, de lazer do estudante também, num é? Tem restaurantes, né? Tem, além do restaurante, tem uma sala de...de ficar, né? de estar, sala de jogos, tem salões grandes pra reuniões ou pra conferências, tem os pátios, tem a parte esportiva hoje, né? O "campus" da Universidade com muita área, lá tem muita área rural, tem casas de...de o...de funcionários, tem piscina, agora recente, lá na RURAL nossa, mas...na Federal a gente vê aqueles campos de esportes, né? A Católica é mais...Você tem mais prédios, né?

[SUPERPOSIÇÃO]

Uma sala de aula? É, uma sala de aula, as quatro paredes, é cheia de...de cadeiras, né? Pra os alunos, um birozinho pro professor, quadro-negro e, às vezes, algum aparelho, ali há alguns recortes de album seriado, ou alguma...aparelho pra ajudar

audiovisual, alguma coisa dessa assim. Eu gos...gosto muito de usar o menos que posso esses aparelhos, apesar da Extensão Rural no...no Estados Unidos usar demais esses aparelhos sofisticados, mas eu me bato muito aqui pelo...pelo nosso...pelos nossos auxílios plurisensoriais, se usam nesses termos, né? que são a riqueza da cultura artística do homem do interior, os violeiros, cantadores de feira, mamulengo, é toadas, é músicas regionais, é tudo isso que o homem rural se sensibiliza tanto, de ele entende tão bem, que ele é aquilo né? Então a gente pode usar pra se comunicar com o homem, pra conscientizá-lo, pra fazer com que ele participe, com que ele se interesse, com que ele se envolva, completamente; muito mais com essas coisas mesmo, do que com esse negócio de fora, de aparelho, de...de fora, quer dizer, aparelhos importados, mecanismo.

[ ININT. já que nós estamos falando sobre ]

Sim

[ escolas ]

Sim

[ sobre ensino ]

Sim,

Você poderia desenvolver sobre as atividades do professor e as atividades do aluno ?]

Sim, atividades do professor e atividades do aluno. É, tradicionalmente, o professor é um informante, tem que ser um bom informante, tem que estar, muito atualizado no conteúdo da sua disciplina, ele tem que ter, ele... ele transmite conhecimentos aos alunos, os alunos ficam numa situação convencionalmente muito passivos, esperando o que é que o professor vai dizer, com o lápis ou uma caneta na mão, quando não entende direito, "professor, o senhor pode repetir aí porque eu não entendi bem?" né? Aí o professor diz... alguns professores têm paciência de repetir, outro diz... "não o senhor não pegou, não se interessa, vá estudar depois porque eu já disse quem...que preste...quem quiser prestar atenção preste, quem quiser acompanhe porque eu não tenho tempo a perder"; (a)inda... (a)inda... (a)inda dá-se ao luxo de humilhar mais ainda e de quebrar mais ainda o...o...o...o sistema de comunicação que deve ser o mais dinâmico e o mais próximo possível, né? Então eu acho que a Universidade nossa hoje ele...ela... (es)tá tendendo para um ensino já diferente desse, mas (a)inda pesa muito o ensino transmissão, quer dizer, a Universidade não é ainda um

centro de elaboração de cultura, não é, ainda mesmo, não (es)tá começando a Universidade nossa em geral, ela faz mais é transmitir aos alunos conhecimentos de fora. Então, então a gente vê o seguinte, é, a Universidade, os professores têm livros estrangeiros traduzidos em quantidade: muito grande, de pesquisas, conhecimentos, cultura desenvolvida, conhecimento elaborado fora. Países estrangeiros: Estados Unidos, Europa, principalmente mundo Ocidental; e também quanto muito, quando muito Universidade do Sul que já ne...desenvolve certas pesquisas naquela área que a gente ensina por aqui, então a gente diz a...a...a Universidade lá num sei de onde Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de Campinas, de São Paulo, desenvolveu essa, essa pesquisa, está, então tal, tal, pesquisador fez. Então a gente (es)tá é transmitindo conhecimento, a Universidade é uma, é uma é um centro aqui ainda de transmissão de conhecimento de fora da nossa realidade. Eu acho que ela deve partir para atingir os três tipos de...de... de ensinamento que ela deve dar ao aluno: ensinamento transmissão, não há dúvida nenhuma que é importante pra complementar e pra ilustrar; mas o que a gente deve fazer mesmo é, é o ensino aplicação e o ensino investigação, quer dizer, fazer, sair para

nossa realidade referente a cada, a cada curso daquele profissional, procurar sentir o que é que existe naquela realidade, procurar ver que problema a comunidade ou aquelas organizações ou aquele povo está encontrando, debater muito aquilo, ver se encontra soluções pr'aqueles problemas, e se não encontrar na hora, é, verificar logo o que é que não pode ser encontrado, que aquilo é um material mais rico de pesquisa. Porque (es)tá faltando alguma coisa, ninguém sabe, então vamos levar pra pesquisas, é a pesquisa mais aplicada possível. Investigar, então, o professor com seus alunos, a partir daquela realidade daqueles problemas começam a investigar, a inventar tipo de pesquisa, experimentos, tentativas, então aí começa mesmo a Universidade a elaborar conhecimentos. A certa altura podem encontrar algum tipo de coisa que sirva para solucionar aquele problema, então voltam à comunidade, essa coisa toda, e fica muito integrado, quer dizer, a Universidade começa a resol... a receber uma realimentação da comunidade, né? Então deixa de haver somente o ensino transmissão pra ser substituído por um ensino investigação, que é a pesquisa.

Diga.

Qual o material que ele usa é...o professor e o aluno  
ININT.]

Sim. Então o material que o professor e o aluno usam deve ser naquele curso que está se desenvolvendo aquela atividade, o material mais vivo, mais simples, que está mais, afluindo mais naquela ocasião, que estão em contato com aquela realidade, com aquelas comunidades, com aquelas, com aquela problemática, com aquela realidade mesmo. E, então ele vai forçando a Universidade a se integrar com os os organismos de pesquisa, a ela mesmo fazer pesquisa, acompanhar no local mesmo, talvez. Agora essa ação, o processo de deslocamento de aluno e professor, o envolvimento com o meio, quer dizer, a, a comunicação, aí é que é extensão. Quer dizer...então quando ele vai fazer muita coisa que a Universidade, que o aluno ensina o professor, o que o professor ensinar ao aluno, porque não deixa de haver, eu mesmo aprendo muito com o aluno, eu disse agora sem querer o aluno ensina o professor, mas eu tenho aprendido muito com aluno, e mais, mas tenho mesmo de me enriquecer de tal maneira com tanta...prazer com tanta gostosura que eu digo ao aluno na hora mesmo, eu digo a ele na hora, eu digo eu (es)to(u) aprendendo isso agora, eu nunca tinha

percebido. Porque o aluno às vezes dá a você um dado, uma, uma experiência que faz com que você se esclareça muito. Mas eu acho assim, que o aluno e o professor, qual foi a pergunta que você fez, Ítala?

[Você poderia descrever um laboratório?]

Como?

[Um laboratório]

Descrever um laboratório? Sou muito fraco em descrever um laboratório, mas eu vou tentar dizer, porque o laboratório mesmo meu que eu utilizo com os alunos é a dinâmica sócio-econômica do interior. Mas um laboratório tradicionalmente é uma sala muito esterelizada, né? muito bem cuidada, a impressão que eu tenho de laboratório esse, né? bem limpas, bem alvas, é...trabalhando com instrumentos muito delicados, eu me sinto muito com esse... tenho medo de quebrar...aqueles frascos, aqueles, aquelas coisas ali sabe? eu fico com medo de bater ali sem querer, quebrar aqueles negócios, por causa da minha, meu temperamento, minha maneira de viver, eu sou um homem assim, muito artístico, eu me sinto assim muito artístico, assim, simples, demais e, de forma que quando eu entro, aqui não, que é uma casa simples, né? sóbria, muito bonita,



mobília bonita, mas quando eu entro numa casa assim, toda cheia de...de...de jarros pelos cantos, bibelô, aquelas coisas bem caras de cristal, eu fico assim parado com medo de bater pra não quebrar aqueles negócios ali. Mas o...o...o laboratório me dá uma certa...temor eu fico, mas eu acho isso é um lugar assim, né? cheio de aparelhos delicados e trabalhos em andamento, pessoas dedicadas ali, anotações, né? É um local desses né? com todo mecanismo necessário, com um equipamento todo necessário pra se desenvolver trabalhos de pesquisas e de experimentação para chegarem a conclusões de verdades né? elaborar conhecimento, um local, quer dizer de elaboração e cultura mesmo, né? deve ser utilizado da maneira mais ligada possível, com, com a realidade que (es)tá necessitando de alguma coisa que deve ser elaborado, e não pesquisa pura, para o professor garantir a, o direito as suas quarenta horas. Então, eu já vi professor dizendo: "eu vou bolar, inventar aí uma pesquisa pra poder ganhar quarenta horas", que alienação tremenda, quer dizer, a pesquisa é uma, é uma, é uma necessidade que se impõe para a solução de determinados problemas, então, a pesquisa é uma etapa diante de um contato com a realidade, né? E, o que a pesquisa, resultar dela vai ser levado de volta

àquele local de onde ela...de onde proveio aquela necessidade e vai se ver se de fato aquela situação que foi elaborada resolve o problema. E então essa dinâmica, cada vez mais a Universidade aberta à comunidade na sua... na sua solução de oferta de conhecimentos, e cada vez a comunidade acreditando e vendo a Universidade um centro de elaboração de cultura e de solução de problemas e de prestação de serviços. Agora o que acho é que deve haver, essa área é muito minha porque eu lido com extensão universitária, extensão rural é a mesma coisa, de forma que eu acho que a extensão, é que a Universidade, eu me esqueci do que ia dizer, não me lembro mais não, eu ia dizer um negócio agora, mas me esqueci.

INAUD. quais são os outros elementos humanos que existe(m) numa estrutura universitária? ]

(Es)tã. Numa estrutura universitária, convencionalmente serventes é, são funcionários administrativos do, das secretarias dos cursos, dos departamentos, né? pessoal burocrático, datilógrafos, é vigias, serventes tem, tem que ter pra atender aqueles serviços ali. Eu mesmo, por exemplo, tem monitores eu não gosto não, de monitores não. Eu acho que o monitor, pra mim eu até

me fa... me ofereceram monitor, eu disse: "eu não quero de maneira nenhuma. O monitor na...na minha...na minha sala sou eu e os meus alunos". A gente é quem vai elaborar tudo aquilo que o monitor vai fazer, é tirar uma oportunidade da gente criar, e da gente assumir e da gente, da, da gente decidir e tomar iniciativas. Quer dizer, então quando a gente vai fazer qualquer coisa lá na...na... na aula, na sala, os meninos fazem, as meninas ou eu, né? selecionar os colegas, marcar uma viagem, resolver problemas, fazer um debate, apresentar um assunto, a gente mesmo faz, porque eu acho que o monitor é uma escolinha de formação de professor tradicional que vai fazer exatamente aquilo que...que...que o professor vem fazendo e que num é certo. O profe...o monitor é um professorzinho em formação, ele vai ser o dôninho da verdade, vai ser o camarada que vai começar a ensinar, vai ter os gestos, os modos diante dos alunos, como tem tradicionalmente com a gente interrompendo o processo de avivamento de...de assim...de... de assumir de...de...de se desinibir, de dinamizar, eu acho que o monitor tira isso a não ser que a gente utilize ele muito dentro desse esquema todo, mas eu acho que botar um monitor ali agora, pra mim, eu num... nunca vi, vi isso em experiência num quero não,

eu prefiro ficar com os alunos mesmo, sabe? De forma que o monitor também seria um tipo de pessoa que estava ali na estrutura de funcionalidade da Universidade mas num, num goáto não. Eu prefiro mesmo que a gente mesmo resolva tudo lá, porque mistura tudo e todo mundo começa a assumir as funções, as tarefas, né?

[Pra resolver os problemas da Universidade, como se organiza a Universidade?]

É a Universidade se organiza pra resolver seus problemas é nos diversos escalões da hierarquia funcional, cada uma realizando um tipo de atividade integrada com todas as demais pra conduzir a Universidade em direção a seus objetivos. Então a Universidade tem por objetivo o ensino, né? É ensinar, o que a Universidade faz é ensinar mesmo. E pra que através desses processos de ensino ou de aprendizagem, como queira chamar. A...a...a...se forme num final de uns anos um tipo de profissional capacitado para atuar naquele setor. Agora eu acho que esse processo que a Universidade desenvolve, de ensino, tudo que eu falei de a Universidade e a comunidade, solucionar problemas, se envolver com a realidade, o aluno viajar, se mexer em todas as áreas como professores, eu acho que isso tudo só é válido, não como prestação de serviço, porque

prestação de serviço, quem presta são as agências de desenvolvimento de serviços. Mas a Universidade presta serviços, quer dizer, ela (es)tã fazendo ensino se ela tiver vinculado ao... ao...ao...ao programa de departamento, ao programa de disciplina, se o aluno vai desenvolver uma tarefa numa determinada área, rural ou urbana, na...no seu curso, ele não vai porque a comunidade (es)tã precisando só não, vai por isso também, porque ele (es)tã se formando para servir à comunidade, mas ele vai porque ele está cursando uma disciplina onde tem um programa que, que traz em si aquilo, qu'ele, qu'ele vai ver lá. Então na medida qu'ele aprende ele presta um serviço à comunidade. Então a...a Universidade é todo esse, toda essa conjuntura hierárquica que compõe a Universidade. Ela trabalha para que o aluno é, em contato com a realidade, faça coisas vinculadas ao programa que (es)tã conduzindo, ele (es)tã aprendendo também, ele vem aplicar conhecimentos e quer ensino aplicado, né? ele aplicando conhecimento ele aprende, aprender fazendo, né?

[Como se chamava aquelas reuniões INAUD da Universidade?]

A reunião, Conselhos, aquele negócio: Ah é, Conselhos, né? Tem os Conselhos. Eu sou uma pessoa muito pouco formal e tenho

dificuldade de perceber essas estruturas formais, mas me lembrei agora que tem o Conselho. Conselho de Curadores, Conselho Universitário que é o maior de todos, parece que reúne um grande ma... maior número de professores e diretores, que é o Conselho de maior elevação. Até com doutor Ivan ele falou na... naquele curso que nós (es)tamos fazendo. Conselho Universitário, que é o maior de todos, e maior poder de decisão; tem o Conselho de Curadores, parece que zela pelas questões de verbas, de aplicação de dinheiro parece; e tem o Conselho, tem outro lá não me lembro qual é o Conselho, se tem outro não me lembro qual é não. Das Pró-Reitorias, que hoje muito importantes, né? o Reitor, (es)tá a Universidade cada vez maior, acumulando uma série de tarefas nesse período de trabalho, o Reitor não pode dar conta daquilo tudo, então ele delega, quer dizer, ele passa o poder de ação e de decisão à pessoa de toda a confiança e certas pessoas da Universidade pra que façam como se fosse ele e ele desdobre o trabalho todo, né? De forma que as Pró-Reitorias são também muito importantes na... nas Universidades.

[ Quais são? ]

As Pró-Reitorias. Na Federal, eu num sei se tem alguma a

mais do que na RURAL, mas eu sou muito amigo de Sebastião Barreto Campelo, lá na Federal, ele é Prô-Reitor de a... Assuntos Comunitários, né? É tem uma correspondência dessa Prô-Reitoria na RURAL que é a Prô-Reitoria de Atividades em Extensão, mesma coisa, num é? Pesquisa e Pós-Graduação, lá na Federal, na RURAL também tem Pesquisa e Pós-Graduação. Tem a de Graduação me parece, Ensino e Graduação, num é? Também é outra Prô-Reitoria; Planejamento; Prô-Reitoria de Planejamento, de forma que são umas quatro ou cinco Prô-Reitorias aí ININT. E, eu posso falar qualquer coisa, não? só isso aí mesmo...

[Paulo, eu gostaria que você falasse um pouco agora já que o nosso tema foi Instituições de Ensino e Igreja... SUPERPOSIÇÃO ]

Igreja. Igreja, ah; Igreja; É. Eu venho acompanhando com muita satisfação a atual posição, as atuais posições da Igreja Católica. Porque era uma Igreja muito elitista, muito comprometida com os poderes econômicos, sociais e políticos, sempre serviu aos interesses dos grupos dominantes, e era muito, assim, estava muito afastada e até mesmo se... fora daquilo que ela prega, que é a igualdade, que é a solidariedade, que é o trabalho de integração de todos os homens como irmãos, né? Então a partir de dessa... de

Paulo VI, de João XXIII, Papa João XXIII, de Hélder Câmara, eu  
admiro muito D. Hélder gosto muito dele, acho uma pessoa brilhante,  
um homem que tem uma percepção do que seja realmente uma vida,  
um viver existencial, um viver assim, de...da gente gostar de  
viver a vida mesmo, o sentido de vida, né? vida cooperativa, vida  
aberta. De forma que quanto à Igreja, nessa parte que me chamou  
logo a atenção, é as posições corajosas, descomprometidas com as  
dominações, os grupos de dominações que a Igreja Católica (es)tá  
tendo no momento, até mesmo se arriscando a críticas, a...a...a...  
até mesmo a...a punições da própria sociedade e do governo,mas que  
graças a Deus, está se conciliando bem, num é? Ultimamente a gente  
sente a...a...a Conferência dos Bispos do Brasil sendo... é,  
entrando em diálogo com o governo e sendo escutado, né? Eu acho  
que isso é uma esperança muito grande, porque a Igreja poderá  
prestar um serviço muito grande à Igreja Católica e às outras  
Igrejas. Desde que haja uma abertura que a gente veja, não a... a  
questão de competição, quem é que tem razão, quem não tem, eu acho  
que todos se dispõem a viver, todas as Igrejas Católicas,  
Protestante, Espíritas, até mesmo outros tipos de religiões é, de  
nosso povo que inclusive, o no...o povo brasileiro, como a... as



Igrejas também são importadas. Como a... como as instituições, o ensino e tudo mais, a Igreja também é importada, né? e ela está sofrendo aquilo que as outras coisas também (es)tão sofrendo uma... uma, uma imposição cultural do país, quer dizer, a...o nativismo, o Brasil nas suas origens, nas suas raízes, quer dizer penetrando para...para assumir o comando, dessas instituições que vieram de fora. Então a Igreja (es)tá só... a gente sabe, o camarada aqui diz: "é eu sou, é eu sou católico. Agora, eu vou... eu sou católico, agora eu vou assim a uma sessão espírita; eu não sou espírita mas eu vou." E também conheço gente que é católico ou que é protestante mas que vai a Pai Edu, pra se consultar, num sei o quê. Então a gente (es)tá vendo que... que a religião brasileira, a Igreja de qualquer tipo de religião, ela sofre no Brasil, e o que demonstra que o país está encontrando seus próprios valores; ela sofre influência muito grande de um tipo de religião é, de raízes mesmo brasileira, né? religião que tem muito haver com religião indígena, com a religião africana, que veio se misturando e traçando com o catolicismo, com o protestantismo, com o espiritismo num tipo de religião que vai terminar a religião do povo brasileiro, né? aproveitando o que tem, o brasileiro é

muito... muito pacifista, ele...ele...ele é muito inteligente,  
 muito criativo, certamente vai dar uma religião bac...muito bacana,  
 né? enfim. De forma que é isso. Agora, o Recife tem uma, uma  
 atração muito grande pro recifense, né? Você é recifense Ítala?  
 Não. Vocês? são não, né? Você também não? Mas aqui é muito bom é,  
 eu não (es)tou gostando mais de Recife por causa do ar dessa  
 cidade já muito...já (es)tã se tornando uma cidade de va...  
 violenta, quer dizer, aqui a gente mora já afastado um pouquinho,  
 trabalha na Universidade Rural, mas Recife na...no trânsito, no...  
 no congestionamento, até que essas ruas agora que estão sendo,  
 (es)tã me dando um bem estar muito grande essas ruas centrais da  
 cidade sendo expulsa delas os automóveis. E eu (es)to(u) vendo o  
 povo passeando na rua Nova, né? naquele descontraimento, um  
 silêncio, sem buzina, sem fumaça, sem, sem agonia, sem aquela  
 tensão, todo mundo ali sentados nos bancos, parece um sonho aquilo  
 ali, né? Realmente (es)tã melhorando, mas eu acho Recife ainda uma  
 cidade muito grande, já grande demais, muita gente.

Como?

[ININT. quais são as partes de uma Igreja?]

As partes da Igreja, do prédio, assim?

## [SUPERPOSIÇÃO]

Sím. É, igreja construção, né? o prédio da Igreja, tem o altar, né? num sei se nas outras Igrejas que não são católicas se chamam altar também; o local, púlpito, né? o local onde o pastor ou o padre fica para se dirigir aos presentes; os bancos para os, as pessoas se sentarem, quadros representando figuras de valor naquela religião, é, certos enfeites, tem os modelos das Igrejas, Igrejas é, barroca(s), tipo barroco e outros tipos aí mais simples, Igrejas, tem, tem a entrada, tem as escadarias em geral, né? é um...um tipo de construção assim imponente. Hoje as Igrejas estão ficando mais simples, aquela Catedral de Brasília, eu não gosto muito daqueles estilos não, eu gosto mais de uma coisa mais, mais sim...eu acho Brasília muito sofisticada. É uma cidade realmente, a gente tem que respeitar a...a...o grande nível criativo do Niemayer dos seus companheiros que, mas eu não gosto daquele negócio aí não. Eu acho os prédios nossos são mais simples, são mais convidativos, né? A gente entra nas...na Catedral de Brasília, chega dentro dela, vê que é uma Igreja simples, mas eu não me sinto bem ali não, eu me sinto deslocado lá, naquela cidade ali. Eu acho que a cidade brasileira deve ser mais natural, ter chegado

de uma maneira a compor a casa, as ruas, a uma maneira de ser, de uma maneira mais nossa.

[ININT. recordação de infância que já ININT ?]

Recordação de infância, tenho muitas recordações da, de ir à missa com meus pais, né? Ir à missa, sem saber porque nem pra quê. Sabia que era pra ir à missa. E, ia muito. E depois mesmo comecei a ir à missa sozinho, porque tinha que ir, não um condicionamento. Se não fosse sentia-se com remorso, ficava preocupado, né? E depois eu comecei a ver, de uns anos pra cá, que num havia muita significação ir à missa, não. Eu acho que eu, talvez ir à missa fosse muito mais, o que a gente fosse buscar na missa, fosse mais uma convivência no trabalho, com a família, com os amigos, com os estranhos, com a natureza, com os animais, com as plantas, né? com o mar, com as praias, quer dizer um, um relacionamento fraterno com esse negócio, é muito mais presença de Deus, né? muito mais proximidade do que um ato ritual. Então eu fui deixando de ir à missa e fiquei muito bem, porque me senti muito livre, achando que num tem nenhum problema. Agora, gosto de uma boa missa, eu fiz o cursinho da cristandade, há pouco tempo, vi uma experiência muito boa, lá no seminário de Olinda, muito interessante, onde eu vi

aquilo que eu disse a vocês há pouco. A Igreja, as novas posições da Igreja Católica, muito abertas, muito, muito desligadas de preconceitos, muita participação, intensíssima de... de pessoas não, pessoas leigas, né? que não são padres, misturadas com padres com tudo, naquela... naquela integração muito boa, mas eu num, depois do cursilho eu tenho ido à missa quando é missa do cursilho. Assim, vai ter uma ININT. como eles chamam, porque é termo, a terminologia é espanhola, porque a origem foi de lá, a Espanha desse movimento, então vai ter uma missa em tal lugar, a gente vai. A missa de receber os novos companheiros que terminam o cursilho é uma coisa linda, a entrada, já foi, não? lá na Igreja da, do Espinheiro em geral, todo mundo cantando, brincando na hora de se cumprimentar o, as pessoas, ali, é um cumprimento muito afetivo, muito, muito muito expansivo, assim muito humano, mas é, em questão de obrigações não, eu acho que... que... que, não... não me... não me mudou. Então as recordações que tenho da Igreja são boas porque eu me liberei delas da... da... daquilo que me recordou, que era uma obrigação de cumprir as coisas sem saber por quê.

[ ININT. ]